

CRIATIVIDADE SEM EQUÍVOCOS NUMA EDUCAÇÃO RESPONSÁVEL: DO SENSO COMUM À PALAVRA DE PROFISSIONAIS CRIATIVOS

Maria de Fátima Morais¹⁵

<https://doi.org/10.58086/gmwd-s138>

Resumo:

Permanecem, na atualidade, crenças erradas – mitos – acerca de criatividade. Tais crenças têm consequências negativas no desenvolvimento de competências criativas, nomeadamente na educação. Discutem-se neste artigo os principais mitos. Para este objetivo, recorre-se não só à literatura, mas a expressões recolhidas junto de indivíduos sem formação no tema (expressões reforçadoras dos mitos) e de profissionais inovadores (expressões questionadoras dos mitos). Discute-se ainda a responsabilização que erradicar tais crenças implica nos educadores.

Palavras-chave: criatividade; crenças; mitos; educação

Introdução

A criatividade é uma das competências mais requisitadas para o sucesso pessoal, profissional e social na atualidade e no futuro (Lambert, 2020). É uma das competências do séc. XXI que permitirá enfrentar os desafios através de uma resolução de problemas eficaz e flexível e, assim, a inovação (Nakano & Wechsler, 2018). Importará a presença de competências criativas em variados domínios do conhecimento (Baer, 2021).

Todavia, um dos obstáculos ao progresso não só da pesquisa, mas também da promoção de criatividade, é a existência, ou a persistência, durante décadas, de conceções erradas acerca do construto: os mitos ou crenças que, apesar de falsas, condicionam atitudes e comportamentos que podem prejudicar ser-se criativo (Karwosky et al., 2020). É fundamental a desmitificação de tais crenças,

¹⁵ Universidade do Minho. famorais@ie.uminho.pt

particularmente no contexto educativo. Este texto não incidirá então no que é criatividade, mas no que ela não é.

Serão revistos e discutidos os principais mitos que rodeiam o conceito de criatividade e que potencialmente trazem consequências negativas para o desenvolvimento da mesma. Tais mitos serão ancorados, na sua afirmação e no seu questionamento, em palavras de Outros. A abordagem dos mitos obedecerá sempre às mesmas etapas. Para cada um deles, serão inicialmente apresentadas expressões recolhidas na abertura de seis formações sobre criatividade, a partir de um *brainstorming* sobre o conceito: expressões que os formandos associavam a criatividade e cuja seleção se baseou na tradução que tais palavras podem fazer do mito em questão. Em seguida, questiona-se esse mito com base na literatura. Finalmente, reforça-se a falsidade dessa conceção, apelando a outras expressões: agora de indivíduos cujos percursos profissionais têm sido reconhecidos socialmente como criativos, sendo mesmo alguns internacionalmente famosos. Algumas dessas expressões foram recolhidas a partir de uma obra editada em Portugal – Percursos com sentido (Rocha et al., 2021), a qual divulga entrevistas com profissionais inovadores, a partir daqui referida como PcS. Espera-se servir um exercício de questionamento e de consequente responsabilização para criatividade estar mais presente no contexto da atuação educativa.

Criatividade: crenças a desmistificar

Criatividade e diferença

As expressões selecionadas a partir de formandos que ainda não dominavam o conceito de criatividade foram “originalidade”, “novidade”, “criar o que não existe”, “fazer a diferença”, “inesperado” e “pensar fora da caixa”, sendo as duas primeiras referidas muito frequentemente. Estas expressões podem então traduzir a ideia de que criatividade é simplesmente fazer ou ser algo diferente e tal conceção não está correta, apesar de ainda não erradicada (Kaufman, & Glăveanu, 2019).

Criatividade é um conceito multifacetado e complexo, sendo associado a uma multiplicidade de definições (Doyle, 2022). Porém, a partir de Runco e Jaeger (2012), emergiu uma *standard definition*. Esta definição, apesar de ter recebido críticas (Glăveanu & Beghetto, 2021), continua a agregar bastante consenso (Sánchez-Dorado, 2020). Entende-se assim, segundo a definição padrão, um produto ou ideia criativos como algo simultaneamente original e eficaz num dado momento e contexto sociohistórico.

Criatividade certamente implica originalidade e diferença, mas o contrário não é verdadeiro: a diferença não é suficiente, é fácil demais em qualquer momento ou contexto. A *standard definition*

(Runco e Jaeger, 2012) contem uma noção de criatividade como um fenómeno muito mais difícil – mas mais rico - do que a afirmação da simples diferença. Esta diferença tem de se compatibilizar com a adequação, a eficácia, o *sentido*, de uma ideia ou produto: essa co-incidência entre ambos os critérios é o que permite a inovação.

Discursos de profissionais inovadores podem reforçar a erradicação deste mito. Veja-se algumas expressões extraídas de entrevistas em PcS. Ato criativo é uma “transmissão musical (...) íntegra a um público” (p.31); Filipe Ribeiro – músico), é “servir” (o outro) (Diná Azevedo – aeronáutica, p.65; Rui Nabeiro – empresário, p.121), “é a possibilidade de chegar (ao leitor), de refletir sobre um tema” (p.16; Afonso Cruz – escritor) ou “eu escrevo aquilo que quero que as pessoas leiam” (p.164; Alice Vieira – escritora). Quando numa criação se pensa num público específico, essa criação está não só a fornecer novidade, mas também a responder a uma necessidade, a um problema, a comunicar uma mensagem. Hemingway refere inequivocamente esta ideia da intencionalidade criativa: “ninguém o pode ler (o texto), até teres (...) transmitido a emoção, as paisagens e os sons” (Baker, 1933, p. 385). Curiosamente, voltando à obra PcS, os editores referem que entre as palavras mais frequentes nas entrevistas foram encontradas Sucesso, Missão, Objetivo e Qualidade, as quais podem sublinhar a intencionalidade e o *matching* da definição padrão de criatividade atrás referidas.

Criatividade e inspiração

As expressões dos formandos que poderão transportar este mito foram “inspiração”, “ter um click”, “lâmpada”, “inexplicável”, “iluminação mental” e “magia”, sendo frequentes as três primeiras. Esta conceção de criatividade necessita ainda, na atualidade, de ser erradicada (Lubart & Thornhill-Miller, 2019).

Momentos nos quais uma ideia emerge repentinamente e soluciona um problema, acontecem no quotidiano e aos grandes criadores. Trata-se de um dos conceitos mais associados a criatividade – *insight*. É assim, por um lado, estudado há décadas e explicável, nomeadamente em perspetivas neurológica (Deco et al., 2018) e cognitivista (Martinsen et al., 2016), as quais implicam funcionamento cerebral, pensamento analógico, associação remota de informações e, conseqüentemente, o conhecimento (Lubart & Thornhill-Miller, 2019). Estas explicações contrapõem-se a noções místicas ou de não controlo do fenómeno. Por seu lado, *insight* implica um percurso anterior de focagem no problema, trabalho, persistência, tentativa e erro. Já Wallas (1926) afirmava que a Iluminação não pode vir antes da Preparação e da Incubação – a “lâmpada” não pode acender sem ter havido trabalho prévio e lento.

Voltando ao livro PcS, várias afirmações sublinham o esvaziamento deste mito. É “sentir que melhor do que aquilo eu não sou capaz” (p.164), diz Alice Vieira, escritora, quando fala do seu trabalho;

Ana Pires (cientista) refere a “teimosia (...) como foco para os meus objetivos” (p.125); “trabalho, trabalho, trabalho” repete Sobrinho Simões (médico e investigador, p. 150) sobre o seu dia a dia; “a sorte dá muito trabalho” (p.136) lembra Manuel Antunes (cirurgião) e Afonso Cruz (escritor) reforça permanência no processo criativo com “pratica-se a todo o instante (...) como estar apaixonado” (p.155). Curiosamente, dois entrevistados socorrem-se da mesma citação: “só nos dicionários o sucesso vem antes do trabalho” para explicar os seus percursos inovadores. Também entre as palavras mais frequentes na análise das entrevistas, surgiram Trabalho, Conhecimento, Pensar e Dificuldades (Rocha et al., 2021).

Criatividade e genialidade

Supõe-se importante o alerta para a falsidade do mito de que a criatividade não é para todos. As palavras de senso comum potencialmente tradutoras deste mito selecionadas a partir da associação dos formandos a criatividade, foram “génios”, “sobredotação”, “talento” e “escolhidos” (no sentido bíblico). Vários autores afirmam, porém, a noção de potencial criativo universal (cf. Romo, 2019), entendendo-se potencial como um estado latente de competências (neste caso, criativas) que pode atualizar-se em realizações, desde que o indivíduo tenha oportunidade para tal atualização (Thornehill-Miller et al, 2023).

Tem sido afirmada a dicotomia *Big C* (criatividade reconhecida socialmente) e *little c* (criatividade presente no quotidiano) há décadas (eg., Stein, 1987), baseando-se a primeira numa distribuição anormal das competências criativas pela população e a segunda numa distribuição normal das mesmas. A História foi enfatizando esta distinção, ilustrando a *Big C* com episódios fora do comum associados à biografia dos criadores, episódios que podem tornar-se particularmente atrativos (Karwowski et al., 2020), romantizando a criatividade. Mozart afirmava “de onde vêm as ideias? Não sei e não tenho nada a ver com isso” (...) “a música chega até mim já como um conjunto” (Weisberg, 1993, p. 24) e Coleridge (sobre um poema) comentava “ao despertar, tive uma recordação de tudo (imagens), tomei a minha pena e instantanea e impacientemente pus tudo por escrito” (Weisberg, 1993, p. 23). Weisberg desmistifica tal tipo de episódios – por exemplo, foram encontradas partituras de Mozart não finalizadas e revistas; uma versão do poema de Coleridge rasurada, implicando revisões, questionaria a veracidade da afirmação do autor.

Outras abordagens sobre diferentes níveis de criatividade existem, como por exemplo a proposta de Kaufman (cf. Kaufman & Glavenu, 2019). Todavia, uma perspetiva que contempla o desenvolvimento da criatividade, uma perspetiva educativa em amplo sentido, foca-se na *little-c*, *mini-c* ou mesmo *pro-c*

(por exemplo, no caso dos talentos), afirmando que todos os indivíduos têm um potencial criativo, o qual pode e deve ser intencional e sistematicamente trabalhado (Runco et al., 2022).

Que dizem indivíduos famosos pelas suas trajetórias criativas? Por exemplo, em *PcS* o escritor Afonso Cruz comenta “não acredito em talentos inatos (p.156). As distribuições populacionais diferentes encontram-se questionadas por Rogers (2001, p. 407): “uma criança que inventa um jogo (...), Einstein formulando a Teoria da Relatividade, a dona de casa que inventa uma receita, um jovem que cria a sua primeira novela (...) todas estas formas são criadoras” e a necessidade de atualizar potencial criativo está subjacente na afirmação atribuída a Picasso “cada criança é um artista. O desafio é permanecer artista depois de crescer”. Também na desmistificação de que criatividade não é para todos, torna-se acutilante a ironia de Karp (2017, p.161): “é ingénuo pensar que qualquer um pode tornar-se um Einstein” (...) mas “ajudar cada aluno a desenvolver o máximo possível do seu potencial criativo (...) torna-se a *única forma de não falhar* a descoberta de um novo Einstein”.

Criatividade e artes

A associação privilegiada da criatividade ao domínio artístico continua a necessitar de contradição explícita para que seja erradicada (Glaveanu et al., 2020). As expressões recolhidas nos formandos que podem conter esta crença foram “arte, “artistas”, “Expressões”, “estética”, “metáforas” e “expressar sua visão do mundo”, sendo mais frequentes as duas primeiras.

É compreensível que criatividade se mostre mais intencionalmente requerida no contexto formativo das artes, já que dele sairão profissionais para os quais há a exigência de produtos criativos, como, por exemplo, nas Indústrias Criativas (Morais et al, 2022). O contexto artístico torna-se um *campo paradigmático* para a criatividade segundo Lindner (2020). Todavia, ser criativo é uma mais valia em qualquer domínio do saber (Baer et al., 2021). Como entender a invenção, a investigação científica, a tecnologia, a educação, sem a presença de competências criativas?... Veja-se, neste sentido, por exemplo, as opiniões de Karp (2017) ou Grégoire (2018) nas ciências ou, no momento, a articulação entre criatividade e IA (Marrone et al., 2022).

Que expressões se pode buscar nos profissionais inovadores entrevistados, agora propositadamente não artistas? Manuel Antunes, (cirurgião) diz “nunca perdi a oportunidade de introduzir na prática cirúrgica alterações (...) tomar “decisões por vezes fora de tudo a que os manuais se referem” (p. 132); o médico e investigador Sobrinho Simões reforça a atitude criativa com “a curiosidade e a vontade obsessiva de fazer perguntas como “o que será?!(...)“porquê?!” (p.149), o que

é reforçado por Diná Azevedo (profissional aeronáutica) com “interrogando, exercitando espírito criativo (...) inovando, recriando” (p.65). Também Rogers (2001, p. 405) referia “não há diferença fundamental no percurso criativo (...) de um pintor, ao compor uma sinfonia, inventar instrumentos de morte, teorias científicas ou novas formas de psicoterapia”.

Criatividade e indisciplina

Um indivíduo criativo é curioso, crítico, persistente, com sentido de humor (Romo, 2019). Estas características podem levar à crença de que tais indivíduos podem ser potencialmente mais indisciplinados (Lindner, 2020). Os formandos alvo do *brainstorming* de associação de palavras a criatividade sugeriram “excentricidade”, “outsider”, “desvio” “subversão”, “revolução” e “inconformismo” - palavras que parecem carregar esta crença.

A maior apetência pelo risco, a autoconfiança ou não haver a perceção da obrigatoriedade de seguir sempre padrões normalizados são características que levam os indivíduos criativos (os quais tendencialmente as possuem) a serem temidos como disfuncionais (Lubart & Thornhill-Miller, 2019). Todavia, a investigação também mostra que os conceitos de criatividade e de desviância foram empiricamente distinguidos (Harari et al., 2016). Por seu lado, por exemplo em grupos, estando questões éticas discutidas e enfatizadas, havendo regras claras e sendo requeridas tarefas motivadoras para os indivíduos criativos, não só é possível conciliar o poder divergente e a expressão criativa, como a criatividade pode facilitar paixão e persistência pelo que realizam, assim como maior focagem nos objetivos (Gutworth & Hunter, 2017).

Escuta-se o reforço a desta desmistificação quando, por exemplo, Filipe Ribeiro (músico) diz, em *PcS*, “é com humildade e sentido de responsabilidade que encaro o ato criativo” exigindo “disciplina” (p.26) ou a coreógrafa colega Roriz associa o trabalho criativo a “paixão (...) disciplina e muito trabalho” (p.35). Curiosa é também a posição inequívoca de Jim Collins (escritor/gestor de sucesso) ao defender que criatividade morre em um ambiente não disciplinado (Collins & Porras, 2020).

Criatividade e doença mental

A associação da doença mental à criatividade vem da Antiguidade e permanece (cf. Gillam, 2018). Mais uma vez, a História tem reforçado histórias que romantizam ser-se criativo, emergindo, por exemplo, Van Gogh, esquizofrénico, que cortou uma orelha e se suicidou (sabendo-se já que este último

dado é incorreto). As expressões recolhidas nas ações de formação que lembram este mito foram “ser um pouco louco”, “emoções extremas”, “vidas trágicas que inspiram” “carências a sublimar”.

O relacionamento da doença mental e a criatividade não se esgota na abordagem dos criadores socialmente reconhecidos; ela tem estado presente em investigações com a população em geral (e.g., Eysenck, 1993). Porém, também algumas dessas investigações têm sido alvo de críticas relacionadas com aspetos metodológicos, não sendo possível afirmar uma maior incidência de doença mental nos indivíduos criativos (Gillam, 2018). Em contrapartida, a relação entre criatividade, bem estar e saúde mental é atualmente sublinhada. A liderança, o humor positivo ou o otimismo são associados à criatividade (Nakano et al, 2020). Ser criativo e bem estar não só podem coexistir, como assumirem-se condições para a saúde mental (Gillam, 2018).

O que dizem profissionais famosos (em PcS) que podem reforçar a desmistificação pretendida? Olga Roriz (p.39) coreógrafa afirma “a busca do melhor de nós”; a escritora Alice Vieira refere “escrevo porque gosto” (p.166); já a escrita para Afonso Cruz “é consequência de uma verdade interna” (p.161); a cientista Ana Pires (p.126) descreve “o que me move é acordar todos os dias e sentir a mesma paixão” (pela Ciência) e a empresária Leonor Campos comenta face ao trabalho: “em toda a atuação, tenho de estar de bem comigo” (p.109). Sublinham assim o bem-estar, a motivação, a realização pessoal, a congruência, como dimensões associadas à criação.

Discussão

No palco de complexidade do conceito de criatividade, é compreensível que este arraste durante décadas ambiguidades, resultados contraditórios e mesmo paradoxos (Lindner, 2020). Especificamente, persistem crenças erradas sobre o conceito (Karwosky et al., 2020). Tem havido literatura exclusivamente dedicada a este tópico, como, por exemplo, o artigo de Sheffield (2017) ou o já clássico livro de Weisberg (1993), combatendo as crenças erradas sobre uma das competências mais requisitadas na atualidade (Lambert, 2020). Neste texto, foram discutidos os principais mitos sobre criatividade, não só de uma forma teórica, mas analisando-se expressões associadas ao senso comum que reveste cada um dos mitos, assim como reforçando a sua desmistificação com expressões de indivíduos reconhecidamente criativos.

A persistência de mitos acerca de criatividade surge como preocupante, particularmente no contexto educativo, surgindo a sua erradicação como básica à formação de diversos percursos

profissionais interventivos. A desmistificação de crenças erradas poderá assim ser vista como uma responsabilização dos educadores. Analise-se cada um dos mitos expostos.

Na atualidade, a comunicação social apela frequentemente à diferença: será então de sublinhar, desde a infância, que tal diferença, fácil e inútil, por si, não ajuda a formação de cidadãos autónomos e inovadores. A *inspiração* não é também suficiente para criatividade. Interiorizar esta noção, no quotidiano, é tomar a responsabilidade por ser-se criativo: em qualquer contexto formativo, só com os desafios, a motivação, o conhecimento intencionalmente lançados se abrem possibilidades para que *insights* possam acontecer. Seguramente ainda, trabalhar no quotidiano com futuros génios é uma raridade: pode-se, sim, educar indivíduos mais e menos talentosos e ambos terão de acreditar que as suas competências criativas podem evoluir. Também a identificação de criatividade em todos os domínios do conhecimento, e não apenas nas artes, é mais uma responsabilidade a divulgar: só desta forma se pode potenciar diversidade de competências e, conseqüentemente, de futuras inovações. A associação entre criatividade e indisciplina é, por seu lado, um receio infundado: tê-lo interiorizado pode ser mais uma desresponsabilização, mais uma desculpa até, para não incentivar criatividade em quem conosco se educa. Outra necessidade passa por divulgar que a investigação tem sublinhado dimensões dos indivíduos criativos que são consequência não da doença, mas da saúde mental.

Para o futuro, assume-se como pertinente a construção de instrumentos de avaliação sobre a presença de crenças corretas e erradas acerca de criatividade, nomeadamente em contexto educativo. Algumas escalas de avaliação têm surgido acerca de crenças sobre diferentes conceitos, tal como o da sobredotação (e.g., Miranda et al., 2020). Maior raridade de instrumentos se verifica face a mitos sobre ser criativo. Em Portugal, foi criada e validada uma escala para jovens e adultos (Morais et al., 2021). Estes instrumentos podem ajudar a identificar lacunas – por exemplo, crenças erradas têm sido encontradas em diferentes populações, nomeadamente em alunos e docentes de diferentes níveis de ensino (Gralewski & Karwoski, 2018). Podem ainda servir o controlo de formações cada vez mais imprescindíveis acerca do que é e não é criatividade, nomeadamente junto de educadores ou dos próprios educandos. Não há ações eficazes baseadas em conceções falsas.

Referências

- Baer, J. (2021). 12 Domain-specific talent development In S. W. Russ, J. D. Hoffmann & J. C. Kaufman (Eds.), *The Cambridge handbook of lifespan development of creativity* (pp. 265-277). Cambridge University Press.
- Baker, C. (Ed.). (1033). *Ernest Hemingway selected letters*. Charles Scribner's sons.

- Carson, S. (2013). Creativity and psychopathology: Shared neurocognitive vulnerabilities. In O. Vartanian, A. S. Bristol, & J. C. Kaufman (Eds.), *Neuroscience of creativity* (pp. 175–204). MIT Press.
- Collins, J. & Porras, J (2020). *Feitas para durar: Práticas bem sucedidas de empresas visionárias*. Alta Books.
- Deco, G., Cruzat J., Cabral, J., Knudsen, G. M., Carhart-Harris, R. L., Whybrow, P. C., Logothetis, N. K., & Kringelbach, M. L. (2018). Whole- brain multimodal neuroimaging model using serotonin receptor maps explains non-linear functional effects of LSD. *Current Biology*, 28(19), 3065–3074. <https://doi.org/10.1016/j.cub.2018.07.083>
- Doyle, C. L. (2022). Creative experience—multiple worlds, projects, emotions, and endpoints: On Glăveanu & Beghetto’s definition of creativity. *Creativity Research Journal*. <https://doi.org/10.1080/10400419.2022.2115643>
- Eysenck, H. J. (1993). Creativity and personality: Suggestions for a theory. *Psychological Inquiry*, 4(3), 147 – 178. <https://doi.org/doi.10.1207/s15327965pli04031>
- Gillam, T. (Ed.) (2018b). Introduction: Creativity, wellbeing and mental. In T. Gillam (Ed.), *Creativity, wellbeing and mental health practice* (pp. 1 – 14). Palgrave Macmillan.
- Glăveanu, V. P., & Beghetto, R. A. (2021). Creative experience: A non-standard definition of creativity. *Creativity Research Journal*, 33(2), 75–80. <https://doi.org/10.1080/10400419.2020.1827606>
- Glaveanu, V. P., Hanson, M. H., Baer, J., Barbot, B., Clapp, E. P., Corazza, G. E., Hennessey, B., & Kaufman, J. C. (2020). Advancing creativity theory and research: a socio-cultural manifesto. *The Journal of Creative Behavior*, 54(3), 741 - 745. <https://doi.org/10.1002/jocb.395>
- Gralewski, J., & Karwowski, M. (2018). Are teachers’ implicit theories of creativity related to the recognition of their students’ creativity? *Journal of Creative Behavior*, 52(2), 156-167. <https://doi.org/10.1002/jocb.140>
- Gregoire, J. (2018). Superando obstáculos à criatividade na ciência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(3), 229-236. <https://doi.org/doi.org/10.1590/1982-02752018000300001>
- Gutworth, M. B. & Hunter S. T. (2017). Ethical saliency: Deterring deviance in creative individuals. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 11(4), 428–439.
- Harari, M. B., Reaves, A. C., & Viswesvaran, C. (2016). Creative and innovative performance: A meta-analysis of relationships with task, citizenship, and counterproductive job performance dimensions. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 25(4), 495-511.
- Karp, A. (2017). Some thoughts on gifted education and creativity. *ZDM Mathematics Education*, 49, 159-168. <https://doi.org/10.1007/s11858-017-0838-8>
- Karwowski, M., Czerwonka, M., Lebuda, I., Jankowska, D. M., & Gajda, A. (2020). Does thinking about Einstein make people entity theorists? Examining the malleability of creative mindsets, *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 14(3), 361 -366. <https://doi.org/10.1037/aca0000226>
- Kaufman, J. C., & Glăveanu, V. P. (2019). A review of creativity theories: What questions are we trying to answer? In J. C. Kaufman & R. J. Sternberg (Eds.), *Cambridge handbook of creativity* (pp. 27-43). Cambridge University Press.
- Lambert, P. A. (2020). The order - chaos dynamic of creativity. *Creativity Research Journal*, 32(4), 431–446. <https://doi.org/10.1080/10400419.2020.1821562>

- Lindner, P. (2020). Creativity. In A. Kobayashi (Ed.), *International Encyclopedia of Human Geography* (pp.1 – 4). Elsevier.
- Lubart, T. & Thornhill-Miller, B. (2019). Creativity: An overview of the 7C's of creative thought. In J. R. Sternberg & J. Funke (Ed.), *Psychology of human thought* (pp. 279 -306). Heidelberg University Publishing.
- Marrone, R., Taddeo, V., & Hill, G. (2022). Creativity and artificial intelligence—A student perspective. *Journal of Intelligence*, 10(3), 65. <https://doi.org/10.3390/jintelligence10030065>
- Martinsen, O, Furnham, A., & Hærem, T. (2016). Integrated perspective on insight. *Journal of Experimental Psychology: General*, 145(10), 1319 - 1332. <https://doi.org/10.1037/xge0000208>
- Miranda, L, Aperribai, L, Morais, M. F., & Machado, M. F. (2020). Estudo das características psicométricas da Escala de Representações sobre altas capacidades Intelectuais (ERACI): Um estudo com universitários portugueses. *Psicologia, Educação e Cultura*, 24 (3), 116-136.
- Morais, M. F., Azevedo, I. & Martins, F. (2021). Crenças acerca de criatividade: Mitos ou verdades? apresentação de uma escala de avaliação. *Revista Ibero-Americana de Criatividade e Inovação*, 02(04), 184-197.
- Morais, M. F., Pinto, R., Martins, F., & Miranda, L. (2022). Criatividade e o Ensino Superior: Considerações para o presente e o futuro. *Talincea – Revista Talento, Inteligencia y Creatividad*, 8(16), 63 – 76.
- Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2018). Creativity and innovation: skills for the 21st century. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(3), 237–246. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000300002>
- Nakano, T. C., Fusaro, L. H., & Batagin, L. R. (2020). Criatividade: percurso das pesquisas na temática. *Iberoamerican Journal of Creativity and Innovation*, 89–106.
- Rocha, A., Ferreira, E., Bento, J. O., Almeida, L. (2021). *Percursos com sentido*. ANEIS.
- Rogers, C. R., (2001). *Tornar-se pessoa*. Martins Fontes.
- Romo, M. (2019). *Psicología de la creatividad: Perspectivas contemporáneas*. Ediciones Paidós.
- Runco, M. A., & Jaeger, G. J. (2012). The standard definition of creativity. *Creativity Research Journal*, 24(1), 92-96. <https://doi.org/10.1080/10400419.2012.650092>
- Runco, M. A., Shepard, A., & Tadik, H. (2022). How much creative potential is expressed at work? *Journal of Creativity*, 32(1), 100016. <https://doi.org/10.1016/j.vjoc.2021.100016>
- Sánchez-Dorado, J. (2020). Novel & worthy: creativity as a thick epistemic concept. *European Journal for Philosophy of Science*, 10(3). <https://doi.org/10.1007/s13194-020-00303-y>
- Sheffield, L. J. (2017). Dangerous myths about “gifted” mathematics students. *ZDM Mathematics Education*, 49(1). <https://doi.org/10.1007/s11858-016-0814-8>
- Stein M. I. (1987). Creativity research at the crossroads: A 1985 perspective. In S. J. Isaksen (Ed.), *Frontiers of creativity research*. Bearly.
- Thornhill-Miller, B., Camarda, A., Mercier, M., Burkhardt, J. M., Morisseau, T., Bourgeois-Bougrine, S., & Lubart, T. (2023). Creativity, critical thinking, communication, and collaboration: assessment, certification, and promotion of 21st century skills for the future of work and education. *Journal of Intelligence*, 11(3), 54. <https://doi.org/10.3390/jintelligence11030054>
- Weisberg, R. W. (1993). *Creativity: Beyond the Myth of Genius*. Freeman.
- Wallas, G. (1926). *The art of thought*. Watts.

Aknowledgements

This work is founded by CIEd – Research Center of Education, Institut of Education, University of Minho, projects UIDB/01661/2020 and UIDP/ UIDB/01661/2020, through national funds of FCT/MCTES-

PT 

UNEQUIVOCAL CREATIVITY IN RESPONSIBLE EDUCATION: FROM COMMON SENSE TO THE WORDS OF CREATIVE PROFESSIONALS

Abstract

Currently, wrong beliefs – myths – remain about creativity. Such beliefs have negative consequences on the development of creative skills, particularly in education. This paper discusses the main myths. For this goal, we resort not only to literature, but to expressions collected from individuals with no training in the subject (expressions reinforcing these myths) and from innovative professionals (expressions questioners of these myths). The paper also discusses the responsibility that eradicating such beliefs implies in educators.

Keywords: creativity; beliefs; myths; education